

» MARIANA REGINATO
» NAHIMA MACIEL
» PATRICK SELVATTI
» RICARDO DAEHN

Autor de novelas como *Pantanal* e *O rei do gado*, Terra nostra, *Cabocla*, *Sinhá moça*, *O feijão e o sonho* e *Meu pedacinho de chão*, Benedito Ruy Barbosa morreu ontem aos 95 anos, em São Paulo. O dramaturgo estava internado no Hospital do Coração devido a complicações de insuficiência renal crônica. O velório foi realizado no Funeral Home, no centro da capital paulista. Benedito havia ficado por 19 dias no mesmo hospital para o tratamento de uma infecção urinária em janeiro deste ano.

Benedito Ruy Barbosa é autor de algumas das mais importantes telenovelas do Brasil. Sua última novela foi em 2016. Velho Chico contou com um elenco marcante, que teve Domingos Montagner, Rodrigo Santoro, Camilla Pitanga, Gabriel Leone, Rodrigo Lombardi, Ernesto Rosa, Selma Egrei, Carol Castro, Antônio Fagundes e Christiane Torloni.

A morte de Benedito Ruy Barbosa encerra um ciclo fundamental na teledramaturgia brasileira, deixando um legado que ressoa tanto na memória afetiva do público quanto na reverência de quem deu vida às suas criações. Mais do que um novelista, ele foi um cronista que, como definiu a atriz Cristiana Oliveira ao **Correio**, “sempre foi no âmago do ser humano, e do ser humano mais simples, do ser humano mais verdadeiro, sem nunca se distanciar das tramas vibrantes que definem um folhetim”.

Para a atriz que viveu Juma Marruá, “o autor possuía a rara habilidade de equilibrar o amor e os embates entre o bem e o mal com a crônica cultural do Brasil rural”. Ao recordar sua trajetória em obras, como *Pantanal* e *Paraíso*, ela destaca que o dramaturgo era um mestre em costurar a realidade do campo com a alma de seus personagens. “Benedito foi um grande autor que vai deixar um legado lindo com as novelas dele”, concluiu.

Paixão pelo Brasil

Assim como Cristiana, foi pelas mãos de Benedito Ruy Barbosa que Vanessa Giácomo recebeu a primeira grande personagem na televisão. Além de grata, a atriz destaca o talento, a sensibilidade e a paixão do novelista pelo Brasil: “O Benedito tinha um dom raro de criar histórias e personagens verdadeiros, humanos e inesquecíveis. Seu texto emocionava, aproximava as pessoas e valorizava a nossa cultura como poucos. O legado do Benedito Ruy Barbosa permanecerá vivo para sempre na dramaturgia brasileira e no coração de todos nós”.

Um dos pilares para as cenas construídas na mente de Benedito Ruy Barbosa, Marcos Palmeira viveu um leque de personagens do escritor: foi Tadeu e José Leônicio em *Pantanal*, nas versões feitas com 32 anos de diferença, além de João Pedro e José Inocêncio, nas versões de 1993 e de 2024 para a novela *Renascer*; isso sem contar papéis em *Esperança* (2002) e também em *Velho Chico* (2016), essa feita a partir de argumento do autor. Com humildade e emoção, Marcos pontua, no **Correio**: “Benedito é muito importante na minha carreira. Eu devo muito a ele, sou muito grato por toda a confiança que ele

teve em mim. Considero Benedito um poeta da dramaturgia, que levou o Brasil profundo para o horário nobre. Hoje é dia de celebrar Benedito e o legado tão rico que ele deixou”.

Esse impacto geracional é confirmado por Renan Monteiro, que pôde viver a força dessa obra ao interpretar José Augusto no remake de *Renascer* (2024). Para o ator, a importância de Benedito transcende a tela. “Benedito transformou o Brasil em novela. Trouxe um Brasil para dentro. Seus personagens humanizados, com conflitos internos e sua obra com temas brasileiros sendo levados para dentro das casas das pessoas com muita poesia. Um contador de histórias não morre, jamais!”, destacou ao **Correio**.

DNA no teatro

“Benedito começou, no Teatro de Arena, com a peça *Fogo Frio*, que falava da geada e trazia questões agrárias”, lembra o ator Paulo Betti, um dos intérpretes de personagem do mestre. Os temas presentes na montagem de Augusto

Boal, de 1960, com núcleo e problemática localizada no impacto do clima para produtores de café foram perpetuados nas novelas de televisão. “Dele, fiz a novela *Os Imigrantes*. Foi a segunda temporada. Depois de uma primeira etapa, de 30 capítulos, a Band resolveu fazer uma continuação que ficou quase dois anos em exibição. O ponto original foi do Benedito”, enfatiza Betti.

O ator e diretor João Antônio, também lembra o início de Benedito nos palcos. “Um início de alto nível. O Teatro de Arena está no DNA do teatro brasileiro. Depois, se tornou um dos mais impressionantes autores de novelas para TV. Mas o teatro ficou e ajudou a estruturar sua versão televisiva”, lembra. As posições do dramaturgo eram polêmicas, especialmente quando se tratava de declarações sobre a comunidade LGBT, lembra João Antônio, mas a contribuição para a teledramaturgia foi enorme. “Ele mostrou-se grande conhecedor da sociedade e da alma brasileira. Suas novelas, vistas também em inúmeros países, exibiram nossa cara. Mostrou também aos brasileiros o interior do seu país. Perdemos um grande observador da nossa alma”, garante.

A profundidade técnica e sociológica dessa trajetória é sintetizada por Mauro Alencar, doutor em teledramaturgia pela USP. Segundo o especialista, Benedito não apenas adaptou a literatura — como fez ao elevar *O feijão e o sonho* e *Sinhá Moça* ao patamar de épicos da televisão —, mas também atuou como um observador perspicaz das tensões nacionais. “Ele contou com paixão as riquezas e mazelas do Brasil profundo”, afirmou. Alencar cita, ainda, *Os imigrantes*, exibida em 459 capítulos pela Band, como o trabalho mais completo sobre o tema em nossa teledramaturgia. “É um verdadeiro tratado sociológico sobre a imigração no Brasil”, frisa.

O REI DA DRAMATURGIA BRASILEIRA



TV Globo / João Miguel Junior

Benedito Ruy Barbosa: ele transformou o Brasil profundo em telenovela

Vanessa Giácomo interpretou Zuca em *Cabocla* (2004)

Renan Monteiro esteve no remake de *Renascer* (2024)

Marcos Palmeira e Antônio Fagundes em *Pantanal* (1990)

Paulo Betti em *De quina pra lua* (1985)

Basílio Calazans/Globo Divulgação

Divulgação

Divulgação

Cristina Oliveira como Juma Marruá em *Pantanal* (1990)

O POETA DO BRASIL PROFUNDO

» PATRICK SELVATTI

Antes do streaming, dos algoritmos e da fragmentação das audiências, houve um autor que insistiu em olhar para um Brasil que a televisão raramente enxergava. Com a morte de Benedito Ruy Barbosa, aos 95 anos, encerra-se um dos capítulos mais importantes da teledramaturgia nacional. O novelista deixa uma obra que atravessa mais de seis décadas e redefiniu a maneira como a televisão retratou o país profundo.

Enquanto muitos autores fizeram das grandes cidades o palco de suas histórias, Benedito preferiu os cafezais, as fazendas, os rios, o Pantanal, as pequenas comunidades e as estradas de terra. Esse Brasil não era apenas um cenário bucólico, mas um personagem vivo. A natureza tinha voz, o ciclo das colheitas determinava o tempo dramático e a disputa pela terra era tão intensa quanto qualquer conflito urbano.

Foi assim em *Cabocla*, *Paraíso*, *Pantanal*, *Renascer*, *O rei do gado* e *Velho Chico*. Em todas elas, a terra nunca era apenas propriedade, mas herança, identidade, memória e destino. Seus protagonistas pareciam moldados pela paisagem tanto quanto pelas escolhas que faziam.

A valorização da memória histórica brasileira também surge como uma contribuição importante. Em *Sinhá Moça*, o autor revisita a escravidão e o movimento abolicionista sem reduzir o passado a uma sucessão de romances. Em *Os*

imigrantes, *Terra nostra* e *Esperança*, transforma o êxodo estrangeiro em uma grande saga nacional, mostrando como milhares de famílias italianas, espanholas, portuguesas e judias ajudaram a construir a identidade econômica e cultural do Brasil. Eram novelas populares, mas também exercícios de reconstrução histórica.

Talvez o maior mérito de Benedito Ruy Barbosa tenha sido compreender que o interior nunca foi periférico. Em suas histórias, o sertão, o campo, o Pantanal, a Amazônia e o Rio São Francisco não existiam como contraponto ao progresso urbano. Eram centros irradiadores de cultura, tradição e humanidade. Ele devolveu protagonismo a personagens frequentemente ignorados pela ficção televisiva: peões, boiadeiros, agricultores, benzedeiros, imigrantes, pescadores e pequenos proprietários.

Não por acaso, muitas de suas obras resistiram ao tempo e ganharam remakes décadas depois. As novas versões encontraram um público diferente, mas confirmaram que seus conflitos permaneciam atuais: a luta pela terra, a preservação ambiental, as desigualdades sociais e a busca por pertencimento continuam atravessando o Brasil contemporâneo.

A morte de Benedito Ruy Barbosa ocorre em um momento de profundas transformações na teledramaturgia, marcada por formatos mais curtos, plataformas digitais e narrativas aceleradas. Ainda assim, o legado do novelista permanece como um alerta de que grandes histórias não dependem apenas de velocidade ou tecnologia, mas sobretudo, da capacidade de se compreender um povo.